

M<sup>mo</sup>. R<sup>mo</sup>. Fr. Conego Dr. José Basilio Pereira

Recebi a prezadissima carta de V. Sa datada de 14 do corrente e com ella um exemplar do magnifico discurso que pronunciou V. Sa a 10 de junho, por occasião do Te-Deum com que o clero bahiense solemnizou a promulgacao da lei de justiça, que tornou o dia 13 de maio uma data triumphante para a humanidade e a era do esmeco da civilizacao do Brazil - sob o ponto de vista moral.

Agradeco muito cordialmente a V. Sa tanto a volio da offerta como que me mostre-me como as amovis expressões que á sua bondade aprouve prodigalizar-me.

Li com nitura attenção a oracao de V. Sa e o felicito por mais este triumpho obtido por



seu muito applaudido talento, por mim  
há muitos annos devidamente apreciados.  
Em sua carta dignou-se V.ª de falar do po-  
bre livro em que imprimi o meu voto franco  
mas sincero pela causa dos captivos, á qual  
em 1867 um illustre e estimavel mestre me  
escreveu a amar. e cujo decoreto era há  
muito tempo uma das maiores preoccupações  
de minha alma de homem e de cidadão.

Referio-se V.ª ao facto de haver eu ahi fi-  
to menção do nome de V.ª entre os de outros  
propugnadores d'ella e observei que serviam  
como os de V.ª tinham prestado outros sacerdo-  
tes desconhecidos por mim.

Em relação a primeira parte digo a V.ª  
que a menção de seu illustre nome - ainda que



pese a sua grande modestia - mas foi somente  
um acto de justiça; nos tãohem um testamento  
de gratidães em nome dos - entãos - miseros capti-  
vos, que nem as menos possiveis a cultura in-  
dispensavel para distinguirem os mantimentos  
conscientis ou inconscientis, voluntarios ou  
forçados, directos ou indirectos de seu des-  
graçada condicão - dos seus amigos e defeso-  
res; em nome da humanidade e em nome da  
patria.

Corria N. S.ª em me tornei amigo de todos os  
homens e dos homens de todas as condicões e  
paizes - Dos quees erão palaveres, um acto  
me deu a certeza de que reprovava a conti-  
nuacão da escravidã, de que sentia as afflic-  
cões do escravo e desejava sua redempcães.



D'elles fanceia e fôrmo elevado e comento; porque  
sei que isto significa me qua inimidade, justiça  
e amor aos nossos semelhantes.

Houve entre elles alguns que fossem especulados-  
res, que não tivessem fôrça de existencias?

Sei o que nunca indaguei nem sei es-  
ta pouca provar. n'um caso dado.

Lo de mais, e' certo que em todas as relações  
da vida, ainda mesmo nas mais santas e  
elevadas ao lado da sinceridade de se  
muitas vezes se corrompem de a perfidia de  
outros.

Nos partidos politicos, nas religiões, na amizade,  
no amor, em tudo ha homens sinceros  
e homens fingidos, e caladadores.

Lo' n'um caso em sei que não ha nem jamais



haverei fingimentos <sup>na</sup> mentiras, nem calando nem  
impetando: - e nos sublimes expressões do amor  
materno.

Elles já me ouvindo do assumpto.

Nada explicarei que esse affecto, esse reso-  
nhimento que se quisera testemunhar  
a todos os abolicionistas, ~~na~~ <sup>na</sup> expressão  
na occasião que se me offerceu a V. Ex.<sup>ta</sup> que,  
além de ser um dos mais sábios e bem  
intencionados d'entre elles, era um dos que,  
pelo prestigio de sua illustração, de suas pre-  
claras virtudes e nobre caracter, honra-  
vas as suas filhas em nossa provincia, onde  
- heji direito de passar - os escriptos  
nunca foram numerosos.

Quanto ao segundo ponto se commetti



Uma falta V. Sa. mesmo já me justificou;  
os outros sacerdotes que, como V. Sa. e os por  
mim eslocaos ao seu lado, serviram á cau-  
sa dos captivos. . . . . erã por mim des-  
conhecidos.

De proposito e que não cabi seus nomes.  
Nenhum motivo me levaria a isto.

Expressando com inimitavel delicia de  
e doçura a magoa que elle produzio estas  
paginas de meu livro, V. Sa. diz que com  
injustos golpes feriu a classe sacerdotal e  
que foi cruel para com a Igreja Catho-  
lica.

At este respeito só diria a V. Sa. uma  
coisa e vem a ser que a doutrina mo-  
ral de Christo, que unge amor reciproco



entre os homens e ensina a fraternidade,  
impõe a todos homens sanatos que se confessem  
dominado por ella o dever de ser inimigo  
da escravidão e de não contribuir para que  
ella sobreviva a humanidade com a sua cri-  
minosa tyrannia.

Essa obrigação me parece ser mais forte para  
os missionarios e pregadores de tal doutrina.

Não foi o elle quem se feriu aliás com armas  
muito fragui e braços muito debil: foi o  
homem quem considerou inconsistentes, illogicas  
e contradictorias para o argumento do  
septicismo moral, que é por ventura  
a maior infelicidade do Brasil.  
Certo?

Atentor é quem eu implor digos.



Mas se errei foi por que fiz applica-  
cões d'essas leis mentaes, cujo exemplar  
scientifico chamamos - logica -  
Finalmente manifestou V. S.<sup>a</sup> a esperanza  
de que em unida vltta és minhas antigas  
crencas.

É possível; porque o homem é tão livre  
em erer como em viver ou morrer.  
As convicções nos dominam e não nós as  
ellas.

Sim querias não dizer justificar as novas  
perante V. S.<sup>a</sup>; que é um modelo de toleran-  
cia e que, estou certo, erê um minhão necessi-  
dado, em boas permittas a V. S.<sup>a</sup> para dizer-  
lhe - e o faço com o mais profundo res-  
peito - que na situação espirital em que  
outra me acho abraço, do mesmo modo que



V. Sa, a todos os homens como meus irmãos  
e as mulheres de todas as creanças, dirigian-  
do-as a foyal-as como lhes dictar a consci-  
encia, excepto quando elles os possão esuda-  
zir as praticas de humandade em immensas,  
como accutees communmente entre os  
povos barbaros e mesmo em muitos indi-  
viduos no seio dos paizes cultos.

Não foyso factuay nem em a creança da  
Nivra indostana que julga deves geni-  
mar-ly com o cadaver do marido,  
nem com que acredita que heji uma  
raça creada para a servidão ou con-  
demnada a este estado.

Leveia V. Sa desanlypar minha prohibi-  
ção que de o fardiga um pouco, leve-ly



a certeza de que me é' a prezivel  
communicar-me com V. Sr.

Receba V. Sr. a cordial expressão  
de meus sentimentos de alta estima,  
subida consideração e acatamento.  
Se' do

de V. Sr.

criado attencioso e amigo m.  
obrigado

Bahia 12 de jan-  
heo de 1888.

D. Luiz Augusto de Sousa







